

Rio, 09-12 de setembro de 2017.

Francisco meu caro,

Recebo tuas instruções, tuas catorze instruções de sobrevivência, e sou abduzido pelo pensamento de que esse conjunto, circunscrito por aquele número, se abre ao infinito! Pelo menos essa é a conexão misteriosa de Jorge Luis Borges: catorze é o número do infinito. Há algo nas tuas instruções que se elabora entre essa quantidade e Lib, o anjo negro, o anjo de “*mil anos de experiência*.” Te acompanho na leitura e, ao longo, me pergunto que tríade é essa que você ativa: sobrevivência-suicídio-morte. Torno isso um caminho de investigação ao teu texto. Sabemos já de algumas possíveis relações entre essas três palavras, e construo pequenas sínteses de pensamento lembrando ora onde uma se desdobra na outra, ora onde uma repulsa a outra. No entanto a questão é saber como *a tua escrita* elabora essa tríade, como ela constrói um diagrama tendo o infinito como enquadramento, que ordenações e desordenações surgem dessas três forças nessas catorze instruções.

Penso que as instruções são o corpo de teu anjo negro. Elas são o material pelo qual o acesso. Afirmo isso na tentativa de inflexionar em Lib uma força performativa que ativada pode reconfigurar sua presença para além do testemunho, do comentário, ou da apresentação das instruções. Para ser mais claro, torno a afirmação numa pergunta: o que acontece quando as instruções se tornam o corpo do teu anjo?

Me toca o potencial narrativo de escrever como instrução. Toda instrução tem um tanto de jogo. Ela traz o imperativo da regra, mas abre espaço para as relações. Feita pra ser seguida, toda instrução pressupõe um corpo. Ela surge de um corpo experiente e pressupõe um leitor potente – que poderá realizá-la. Tua escrita

claramente esta ciente dessa expectativa e a desregra na medida em que cada instrução de sobrevivência elabora o suicídio.

Toda instrução tem um tanto de lista. Sua dramaturgia é planar mais do que linear. Sua numeração é mais cardinal do que ordinal. As instruções não são consecutivas, elas são cumulativas e formadoras de um conjunto. Imagino que se orientar por essa potencia cardinal seja uma análise importante. Isso já está no texto, mas por enquanto só como proposta. Talvez esteja ainda por ser levada a cabo, talvez precise ainda de uma alguma afinação, visto que nosso olhar de leitor/espectador é tão educado ao linear que toda vez que a narrativa se ordena por encadeamentos consecutivos a gente perde o jogo mental de olhar o todo e construir nossa conexões. Isso se dá primordialmente no caráter conclusivo da tua narração. Não que você construa uma moral da história, mas você constrói uma pontuação conclusiva que me pergunto se te ajuda – me parece que não ajuda! Isso acontece por exemplo ao ouvir *A day in the life*, dos Beatles ao final da fala – já conclusiva – do policial. Aquele momento de fechamento pede uma interpretação da música, produz nela uma funcionalização narrativa, que ensurdece e ordena por demasiado a sensação do teu público. Num outro momento, justapor o terrorista ao deprimido, me pareceu também criar uma aproximação que apazigua essas duas figuras.

Tua escrita desregra o imperativo das instruções, mas gera outro imperativo, o da conclusão da ação. Uma é um polo ativador de experiências por vir, outro uma moral de experiência passada. Fico com vontade de me ver instruído de maneira a que a precisão desse tipo de discurso me leve menos para um sistema de coerências e mais rumo a compor os meus dilemas. E talvez a questão esteja em como você está lidando com a ação de cada instrução. Talvez seja necessário revisar a ação e abri-la radicalmente para a narração, atravessar o acontecimento por uma reflexão e um visionamento sobre ele, produzir pensamento, mais do que reencenação ou testemunho. Mesmo o uso da palavra suicídio, por vezes ela entra no texto já fechando a ação numa significação que poderia ganhar outros contornos. Percebi isso, enquanto lia a instrução seis. A experiência de corpos caindo numa praça de alimentação é tão

forte, mas a palavra suicídio parece finalizar rápido demais minha imaginação e me colocar de volta aos encadeamentos e significações da ação narrativa. Ali também você traz uma interpretação jurídica para o suicídio, e me lembrei de um juiz inglês que tentou há anos prender um suicida sobrevivente por homicídio doloso. O que aconteceria se nessa instrução você não seguisse a lei existente, mas criasse uma jurisprudência? Como inventar a ficção de forma a descondicionar nosso olhar para a vida?

Penso que talvez seja importante você se voltar a intuição que tua escrita gera, ouvi-la profundamente, e a partir daí *redesorganizar* tudo o que gerar encadeamento, pois não me parece que a força da tua dramaturgia esteja naquele tipo de cadência. Rosalind Krauss ao falar da construção de sentidos na escultura minimalista, revigora um termo que é *uma coisa depois outra* e me parece que esse intuito se faz presente também na tua escrita. Este é o intuito cardinal do teu conjunto de instruções.

Novamente, gosto de como você traz corpos e acontecimentos sob a definição de instrução. Primeiro fui levado a crer que você estava extrapolando a própria definição de instrução ao torná-la menos imperativa e mais narração de histórias. Mas conforme fui caminhando nessa proposta me dei conta de que aquilo que parecia fugir da instrução era exatamente sua matéria prima, e te agradeço por possibilitar essa percepção. Acho que explicitar isso e portanto colocar em xeque o que cria uma instrução é um dispositivo dramático reflexivo muito forte e performativamente necessário.

A partir de teu texto penso que instrução se faz entre a fantasmagoria, a tragédia e o erotismo de ocupar nossos corpos com corpos alheios. Talvez por isso a potência de sua opção pela narração de acontecimentos. Pois as vozes no teu texto são potentes em misturar primeira e terceira pessoas, em produzir narrativas ambivalentes ao mesmo tempo pessoais e distanciada, nos construindo sensações de memória corporal e de narração de algum outro espaço-tempo. No entanto, te pergunto se esse outro espaço-tempo tem que ter sempre sua raiz na empiria, na descrição de um

acontecimento que pede pela concretude da ação de um corpo. Me parece que o próprio ato de narrar pode ser o deflagrador de uma situação, um ativador de experiências projetivas, um inventor de fantasmas e de eleocubrações a partir das quais cria seus parâmetros, mesmo se insólitos. As vezes as instruções surgem de movimentos de pensamentos, de corpos abstratos, de projeções e de situações inconclusivas. Talvez daqui se consiga produzir instruções que narrem menos ações e que habitem impasses – e podemos pensar que esta é outra definição possível de infinito. Nessas dobras narrativas – a porção do eu que é também ele, as ações que se bifurcam em situações projetivas, a narração que faz ver mas que é também insólita - me pergunto ainda se o anjo negro deve manter seu papel tão definido como instrutor. Me pergunto o que acontece se o instrutor é ele mesmo uma instrução.

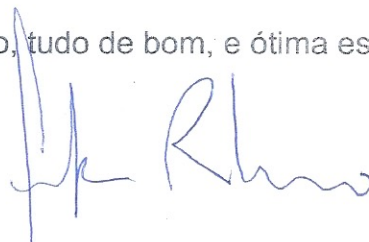
Enquanto lia cada uma das tuas instruções tive a sensação de uma geografia internacional dos acontecimentos. Por um lado esse escopo ampliado do espaço é muito condizente com tua proposta. Mas por outro, me pergunto sobre o quanto essa escrita pode nos ajudar a enxergar um pouco mais como as questões que você aborda se elaboram em nosso país. Tive essa pergunta enquanto acompanhava o terrorista. Não consegui saber o que produzir tão rapidamente um arquétipo de religioso fundamentalista nos adiciona ao pensamento. Não encontrei nesse caso muito subsídio para sair do lugar comum do meu imaginário. Problema meu certamente, mas acho que podemos também compartilhar esse problema e torná-lo nosso. Como encontrar no terrorista a matéria paradoxal que lhe impossibilite o arquétipo?

Ao mesmo tempo em que entendo a grandeza de Lib e através dela a tua vontade de ter um escopo global, fico também pensando que trazer arquétipos tão distantes, não aumenta a minha perspectiva de mundo, mas me distancia de um problema que com outras especificidades está acontecendo ao meu lado (e me atravessando) nas relações militares e paramilitares no Brasil. Penso no terror potencial que está presente nos discursos de ódio, nas bandeiras políticas que ganham votos por alimentar subjetividades perversas, e mesmo na escolha de sacrificar vidas quando se aloca prioridades numa planilha orçamentária - mais dinheiro para a

segurança do que para a educação, menos investimento em infraestrutura aumentando vertiginosamente os acidentes, etc. Que fundamentalismos coordenam nossa economia? Nossas relações sociais? Porque olhar mais para o dispositivo da dinamite do que para o gatilho da bala perdida? Diante das mortes indiscriminadas, o talibã e o caveirão são estranha e fundamentalmente similares.

Francisco meu caro, tuas palavras me abriram um mundo de pensamento, escrevo no intuito de retribuir-lhe esta abertura!

Um forte abraço, tudo de bom, e ótima escrita!



Felipe Ribeiro